

Sequência de atividades de leitura e análise linguística na perspectiva dialógica com o gênero discursivo apólogo

Sequence of reading activities and linguistic analysis from a dialogical perspective with the discursive genre apologue

Ecilia Braga de Oliveira  

eciliasim@hotmail.com

Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.

Márcia Cristina Greco Ohuschi  

marciagreco@ufpa.br

Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.

Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues  

irodrigues@ufpa.br

Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar uma sequência de atividades de leitura e análise linguística em perspectiva dialógica com o apólogo “O toco de lápis”, para o 6º ano do Ensino Fundamental. As ações teórico-metodológicas partem dos estudos de Volóchinov (2021 [1929]; 2013[1930]), Bakhtin (2011 [1979]), Geraldi (2005[1984], 2013[1991]), Franchi (1991 [1987]), Polato (2017), Menegassi (2020) e Ritter e Ohuschi (2022). Pretende-se, assim, estabelecer um diálogo com o/a professor/a da educação básica sobre possibilidades do alargamento da consciência sociológica do estudante, contemplando habilidades de leitura e reflexão de elementos linguísticos em enunciados vivos e concretos.

Palavras-chave: Sequência de atividades; Apólogo; Leitura; Análise linguística.

Abstract

The objective of this article is to present a sequence of dialogical activities with the genre apologue “O toco de Lápis”, for 6th grade students at elementary school, mixing reading and linguistic analysis in the curricular component Portuguese Language. The theoretical-methodological actions are based on studies of Volóchinov (2021 [1929]; 2013[1930]), Bakhtin (2011 [1979]), Geraldi (2005[1984], 2013[1991]), Franchi (1991 [1987]), Polato (2017), Menegassi (2020), and Ritter e Ohuschi (2022). Therefore, the aim is to establish a dialogue with the basic education teacher about possibilities for expanding students’ sociological awareness, including reading skills, and reflection on linguistic elements in living and concrete utterances.

Keywords: Sequence of activities; Apologue; Reading; Linguistic analysis.



10.23925/2318-7115.2024v45i1e64277



1. Introdução

No que concerne ao ensino da Língua Portuguesa, o papel da escola é possibilitar ao aluno o desenvolvimento linguístico, no entanto, por um longo período, esse ensino ficou compartimentalizado à gramática. O que se percebeu no decorrer dos anos é que esse modelo de formação fragmentado não colabora para a reflexão e ação criativa da linguagem, sendo uma reprodução e não construção do conhecimento.

Em contraposição a essa proposta de ensino, Geraldi (2005[1984]), em *O texto na sala de aula*, seguido por Franchi (1991 [1987]), em *Gramática e criatividade*, retomados por Portos de passagem (GERALDI, 2013 [1991]), como caudatários de Bakhtin e Círculo, trazem essa discussão sobre o ensino da gramática normativa brasileira (GNB) na escola. Por conta disso, essas obras são consideradas literaturas fundantes dos novos rumos que os estudos da linguagem tomaram no Brasil, no que diz respeito à oralidade, à leitura, à escrita e à análise linguística (AL).

Seguindo esse caminho, este trabalho se situa no campo da Linguística Aplicada, numa perspectiva enunciativo-discursiva, sob o matiz dialógico em que a língua é um produto histórico da interação humana. Isso significa que temos a concepção de língua e linguagem como prática e como objeto social de ensino, uma construção orgânica e concreta de discursos vivos pertencente às esferas sociais ideologicamente situados.

Depois de Geraldi (2005[1984], 2013 [1991]) e Franchi (1991 [1987]), a prática de AL é legitimada nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998, p.59), como reflexão sobre “os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade lingüística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua” e reiniciada na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), como eixo em atividade didática com o texto (oral ou escrito) como unidade básica de trabalho.

Assim, lançamo-nos a uma proposta de modo a apresentar uma sequência de atividades de leitura e AL, com o gênero apólogo, a partir do enunciado intitulado “O toco de lápis”, de autoria de Pedro Bandeira, prática textual-linguístico-enunciativa que tem uma boa receptividade entre os pré-adolescentes e os adolescentes, o que confere relevância para implementação de atividades para 6º ano do Ensino Fundamental (EF). Com isso, buscamos trabalhar as habilidades

EF67LP28¹ e EF67LP06² descritas na BNCC (BRASIL, 2018). Outro motivo pelo qual adotamos esse gênero discursivo é por se constituir um grande potencial para o trabalho com valores éticos, por trazer em sua composição estilística tons axiológicos (ênfatisados pelos sinais de pontuação) que se formam no constructo de uma alegoria moral com fins didáticos.

Essa perspectiva dialógico-valorativa da palavra, conduz-nos à seguinte pergunta: *Como implementar os eixos Leitura e Análise linguística na perspectiva dialógica nas aulas de Língua Portuguesa no 6º ano do Ensino Fundamental por meio do gênero discursivo apólogo?*

Para responder ao questionamento, o trabalho se vale dos estudos de Volóchinov (2021 [1929]; 2013[1930]), Bakhtin (2011 [1979]), Geraldi (2005[1984], 2013[1991]), Franchi (1991 [1987]), Polato (2017), Menegassi (2020), com atividades de leitura e AL, com percurso metodológico traçado conforme Ritter e Ohuschi (2022).

Cabe esclarecer que as atividades serão sistematizadas por meio de questões de leitura e de AL na seguinte ordem: atividade prévia (AP), leitura silenciosa, leitura compartilhada com entonação valorativa, leitura e compreensão voltada à dimensão social do gênero (L/DSG), leitura e AL com questões de leitura/linguística (L/L), leitura/epilinguística (L/E) e leitura/metalinguística (L/E). Essas práticas de linguagem, como mencionam Ritter e Ohuschi (2022), são intercomplementares e integradas e, assim, devem ser concebidas em atividades escolares, não pormenorizadas de forma isoladas.

À luz do que se discute, o professor, de posse de um material dialógico com questões valorativas, coopera de forma ativa para que a aula se torne um evento singular com significados, capaz de ampliar horizontes e fazer do exercício do magistério a cronotopia para o protagonismo dos sujeitos que atuam na sala de aula, sem deixar de lado os valores éticos que integram a formação humana.

Conforme o exposto, além desta introdução, este artigo foi organizado nas seguintes seções: leitura e AL na perspectiva dialógica – princípios teóricos-metodológicos; gênero discursivo apólogo, narrativa de Pedro Bandeira; apresentação e discussão da sequência de

¹Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores (BRASIL, 2018, p.169).

²Identificar os efeitos de sentido provocados pela seleção lexical, topicalização de elementos e seleção e hierarquização de informações, uso de 3ª pessoa etc. (BRASIL, 2018, p.163).

atividades de leitura e AL, em perspectiva dialógica, como proposta à implementação a uma turma do 6º ano do EF; considerações finais.

2. Leitura e AL na perspectiva dialógica - princípios teórico-metodológicos

Leitura e AL passam a ser discutidas à luz dos estudos interacionistas quando a Linguística Aplicada (LA) ganhou espaço nas universidades brasileiras, favorecendo o estudo em que a linguagem na escola abrangesse a língua em uso. Assim, as práticas de leitura, oralidade, escrita e AL vêm sendo vistas como práticas de sala de aula na obra de Geraldi (2005 [1984]) sem que haja invalidação da gramática normativa, mas também, sem foco exclusivo nela.

O autor, no primeiro momento, ao inaugurar a AL como atividade da escola, pontua a necessidade de trabalhá-la por meio de questões metalinguísticas, pois

Uma coisa é saber a língua, isto é, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados, percebendo a diferença entre uma forma de expressão e outra. Outra, é saber analisar uma língua, dominando conceitos e metalinguagem a partir dos quais se fala sobre a língua, se apresentam suas características sociais e de uso. (GERALDI, 2005[1984], p.45-46)

Desse modo, o autor inaugura a AL cujos elementos gramaticais e lexicais são compreendidos no processo enunciativo, sem abrir mão do olhar científico sobre a linguagem. Na sequência cronológica do aporte teórico-metodológico sobre a AL, Franchi (1991 [1987]) dá continuidade à discussão de Geraldi (2005 [1984]) com a publicação do artigo *Criatividade e Gramática* que trouxe discussões sobre criatividade e a renovação dos estudos gramaticais.

Com isso, entendemos que antes de a gramática ser um “livro de etiquetas sociais ou um manual descritivo, a gramática é, de início, este saber lingüístico que todo falante possui, em um elevado grau de domínio e perfeição. Em um segundo plano, a explicitação formal do caráter abstrato e geral desse saber” (FRANCHI, 1991 [1987], p.38).

Conforme o que já vinha sendo discutido por Geraldi (2005 [1984]) e Franchi (1991 [1987]), a AL reflete sobre o fenômeno da língua em uso e não um modelo de língua como propunha o ensino da NGB por tradição. Nessa defesa, Geraldi (2013[1991]) retoma a discussão de maneira que o trabalho com os conhecimentos linguísticos, em "Portos de passagem", amplia a discussão para a leitura, visto que, na obra anterior, "O texto na sala de aula" tratava a AL apenas no interior do processo de produção de textos.

Entre os anos de 1992 e 1996, segundo Polato (2017), houve um silenciamento do termo AL no Brasil, sendo publicadas obras como Gramática na escola (NEVES, 1991) cujo trabalho com a gramática seguiu outras abordagens, como o Funcionalismo, a Sociolinguística e outras.

Depois desse silenciamento, a AL é consolidada, nos PCN (BRASIL, 1998), como eixo de análise e reflexão no ensino da língua. Daí espera-se que o estudante:

- . constitua um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento da linguagem e sobre o sistema lingüístico relevantes para as práticas de escuta, leitura e produção de textos;
- . aproprie-se dos instrumentos de natureza procedimental e conceitual necessários para a análise e reflexão lingüística (delimitação e identificação de unidades, compreensão das relações estabelecidas entre as unidades e das funções discursivas associadas a elas no contexto);
- . seja capaz de verificar as regularidades das diferentes variedades do Português, reconhecendo os valores sociais nelas implicados e, conseqüentemente, o preconceito contra as formas populares em oposição às formas dos grupos socialmente (BRASIL, 1998, p.52).

Seguindo a linha cronológica da AL, a partir de 2015, pesquisadores dos estudos dialógicos da linguagem, como Rodrigues e Acosta-Pereira (2016), iniciaram as primeiras discussões sobre o ensino da língua em articulação com/para o domínio das práticas de linguagem sob perspectiva dialógica. As pesquisas dedicam-se a entender a língua e a linguagem e suas implicaturas responsáveis no trabalho pedagógico.

Em 2017, a tese *Análise Linguística: do estado da arte ao estatuto dialógico* (POLATO, 2017), certificada pela Universidade Estadual de Maringá; estabelece-se como vertente de estudos de AL pelo viés dialógico (ALD), ancorando-se pedagogicamente, de forma vertical e fiel, ao que preconiza o Círculo de Bakhtin e aos textos fundantes: GERALDI, 2005[1984]; 2013 [1991]; FRANCHI, 1991 [1987]).

Segundo Ohuschi e Menegassi (2021) com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PNC (BRASIL, 1998) e signatários brasileiros (MENDONÇA, 2006; PERFEITO, 2005; 2007; RITTER, 2012; OHUSCHI, 2013; BEZERRA; REINALDO, 2013) vozes vanguardistas são reverberadas por meio de alinhados (RODRIGUES, 2005; BRAIT, 2008; 2017; ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2010; ROHLING, 2014; MOURA; MIOTELLO, 2016; SOBRAL; GIACOMELLI, 2016; FRANCO; ACOSTA PEREIRA; COSTA-HÜBES, 2019) (OHUSCHI; MENEGASSI, 2021). A partir desse referencial, é possível sistematizar teórico e pedagogicamente a prática de AL em enunciados concretos, abrangendo aspectos linguísticos, enunciativos e discursivos.

Nesses termos, pelos postulados de Bakhtin (2011 [1979]) e de Volóchinov (2021 [1929]), a linguagem é o lócus que se travam embates abrangentes em concomitância com as escolhas pessoais. As obras do Círculo de Bakhtin tratam sobre a especificidade desses discursos com ênfase no valor da palavra. Assim, “todas as questões de ordem linguística no texto, a ALD reconhece a importância de explorar as axiologias sociais inerentes à enunciação e naturalmente refletidas nos aspectos do material verbal que compõe o enunciado” (POLATO, 2017. 200).

Nesse tipo de atividade, o cerne é a compreensão, a reflexão e as “escolhas vocabulares e sintáticas diversas e sua relação com os conceitos axiológicos de entoação, juízo de valor e extraverbal da enunciação” (POLATO, 2017, p.187). Portanto, o elemento linguístico é tratado em suas várias dimensões (linguística, epilinguística e metalinguística) como agregador de um valor, um sentido.

Nesse sentido, os estudiosos dessa frente acreditam que tal análise ocorre no interior da oralidade, da leitura e da escrita. Assim, termos lexicais com “Ô, baixinho!” e “Está me ouvindo?”, expressões retiradas do enunciado vivo apólogo *O toco de lápis*, conferem um som tonacional e uma valoração sobre a postura do lápis novo, sob o tom do narrador, que, pela mediação da AL, podem ser mais exploradas, percebendo a discordância e até a crítica em relação à atitude e ação do personagem que demonstra um olhar altivo e até superior sobre *O toco do lápis*.

Continuando nessa linha do tempo, em 2018, a BNCC (BRASIL, 2018) reatualiza a AL como eixo, vinte anos depois dos PCNs (1998) com a nomenclatura AL/semiótica por levar em consideração o signo em suas várias formas, verbais ou não verbais:

Considerando esse conjunto de princípios e pressupostos, os eixos de integração considerados na BNCC de Língua Portuguesa são aqueles já consagrados nos documentos curriculares da Área, correspondentes às práticas de linguagem: oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica (que envolve conhecimentos linguísticos – sobre o sistema de escrita, o sistema da língua e a norma-padrão –, textuais, discursivos e sobre os modos de organização e os elementos de outras semioses). (BRASIL, 2018, p.71)

No que diz respeito à discussão, o ensino gramatical, fundamentado pelo viés da interação, assume os pressupostos de Bakhtin (2011 [1979]) com um ensino que engloba os aspectos linguístico-discursivo, contemplando o processo enunciativo e não as escolhas estilísticas isoladas.

Em concordância com que vem sendo apontado por Menegassi (2020, p.197), Ritter e Ohuschi (2022) confirmam o que prenunciava os antecessores do estudo dialógico: a palavra, o

texto, o enunciado só tem vida na relação com outro enunciado, com outra palavra, com outro texto, consubstanciando relações semântico-axiológicas com o extraverbal.

3. Gênero discursivo apólogo, *O toco de lápis*

O gênero discursivo apólogo, como a fábula e a parábola, é um gênero simples, curto, breve, pragmático com poucos personagens. É um enunciado relativamente estável (BAKHTIN, 2011 [1979]) na interação verbal. Portanto, o apólogo é “um enunciado concreto que reflete e refrata aspectos sócio-histórico-ideológicos de um povo e que traz, em suas marcas linguísticas, tons que expressam vieses ideológicos sobre os comportamentos sociais, virtudes e valores dos homens em sociedade” (GOMES; OHUSCHI, 2021, p.53). Logo, seus elementos são organizados com finalidade de formação ética e moral, os quais elucidam alguns valores socioculturais em seu conteúdo.

Entretanto, o gênero apólogo se difere das fábulas por utilizar objetos e elementos sem vida para metaforizar aspectos da natureza humana e revelar aprendizados com tal façanha. Com discurso narrativo dramático curto, ele mescla elementos da vida real com personagens inanimados com intuito de apresentar uma lição, uma moral ou uma conduta.

Quanto à estrutura, apresenta uma forma composicional narrativa cujo objetivo é contar uma história com fins ético-educativo. O recorte temático é comportamental em que o bem se opõe ao mal, o certo ao errado e o virtuoso ao não virtuoso. O estilo segue escolhas lexicais simples que caracterizam o personagem e suas ações. Por isso, adjetivos (baixinho, alto, ponta bem-feita, rombudo, triste, coitadinho, grandão...) marcados por sinais de pontuação constroem um tom e um valor singular no enunciado.

A postura do autor-criador do apólogo “O toco de lápis” é apresentada como uma contrapalavra ao modelo de comunidade líquida em que descarta facilmente aquele ou aquilo cujo valor está na aparência e na produtividade. Nessa visão, a simbologia das coisas retrata um modelo de conduta a ser seguido, com arquétipo de oposição entre personagens que representam o bom e o ruim.

Outro ponto a ser considerado são os sinais de pontuação no texto, relevantes para a produção de sentidos e do valor que eles agregam. Isso reforça a importância de destacá-los na proposta, de uma feita que, quando se lê “o enunciado com a postura entoacional e rítmico-melódica que ele exige, corre-se o risco de o enunciado não ser compreendido, ou ser percebido

diferentemente daquilo que o escrevente quis marcar” (SILVA; SILVEIRA, ano, p.366). Assim, sinais de pontuação e entonação valorativa exemplificam a interação entre autor-texto-leitor. Tais elementos integrados colaboram para a construção do sentido global do enunciado.

Nesses termos,

Uma unidade sintática deve ser compreendida como envolvendo uma associação de palavras (aspecto estrutural), uma mensagem (aspecto informacional), uma substância e uma forma entonativa (aspecto melódico e entoativo) e um sentido (contendo a mensagem, resultante de todos os dados anteriores) (CATACH, 1994, p. 48).

Na agregação desses sinais e da leitura entonativa, o apólogo *O toco do lápis*, de Pedro Bandeira, conta um embate entre dois lápis: um desgastado, não reconhecido como um lápis, mas um toquinho de lápis apenas; o outro, novo, bonito e com ponta bem-feita. A discrepância entre eles é evidente física e comportamentalmente. Ao primeiro se atribuem características toscas como baixinho, com a ponta rombuda, triste, coitadinho; já o segundo é dito como alto, bonito com a ponta bem feita.

Na caracterização dos personagens, percebemos valores distintivos entre um e outro que, de forma intrínseca, reverberam valores éticos e ideológicos. Esses componentes valorativos existem na natureza humana, sendo a linguagem, portanto, divulgadora desses valores. Assim, o discurso carrega na relação entre o verbal e o extraverbal uma entonação específica, que expressa um juízo de valor, um ato verbal irrepetível nas enunciações concretas.

Portanto, para Bakhtin (2016[1979]), os gêneros são atos dialógicos que, pela linguagem, tornam as vozes ideológicas concretas na fala dos personagens, os quais manifestam a cultura de um período. A interação da ação verbal pode ser vista entre os interlocutores que ativamente manifestam acolhendo ou refutando determinado posicionamento e axiologias de uma sociedade, bem como na relação com juízo de valor que se manifesta não apenas pelo verbal, mas também com o extraverbal, na relação das coisas ditas com das não ditas, porém, manifestadas no enunciado.

4. Proposta de leitura e AL em perspectiva dialógica

Conforme Ritter e Ohuschi (2022, p.434), na escola, criam-se condições para que o aluno amplie, reelabore as ações verbais ou verbo-visuais com atividades de leitura e AL, podendo, inclusive, apropriar-se de determinados gêneros discursivos, ampliando a capacidade discursiva em eventos de interação. Nossa reflexão diz respeito a quanto menos segmentada, como se fazia

no ensino da gramática no modelo tradicional, mais as atividades são favoráveis ao aprendizado do aluno.

Para uma visualização mais clara da sequência de atividades, sintetizamos a ordem em que estão organizadas (Quadro 1). É importante salientar que a sequência apresenta algumas possibilidades de atividades, como exemplos de questões que podem ser feitas em cada etapa do trabalho, podendo ser escolhidas e/ou adaptadas pelo professor, de acordo com seus objetivos e com o perfil de sua turma. Em virtude da limitação de espaço que temos para este artigo, ressaltamos que não pretendemos esgotar as possibilidades de questões em cada etapa, mas apontar caminhos ao trabalho de leitura e AL em perspectiva dialógica.

Quadro 1 – Proposta metodológica de L/AL.

Atividade	Descrição/implementação
Atividades prévias (AP)	Preparação para a leitura do texto, provocação sobre a temática do gênero discursivo que se propõe. Faz-se uma avaliação social sobre o tema, verifica-se também a expectativa dos discentes sobre o texto
Leitura do enunciado (L)	Leitura silenciosa, seguida de leitura compartilhada com ênfase para a entonação valorativa
Leitura voltada para a dimensão social do gênero (L/DSG)	Proposições que reflitam questões sociais, históricas e ideológicas - do autor, obra, suporte e circulação do texto
Leitura e atividade linguística (L/L) Dimensão verbal no trabalho com a compreensão do enunciado	Questões que levem à apreensão das ideias principais do texto por meio de informações concretas
Leitura e atividade epilinguística (L/E) Dimensão verbal no trabalho com o texto junto às questões epilinguísticas (L/E)	Questões de L e AL como foco na epilinguagem (E), compreensão do texto pelo posicionamento valorado. Por meio delas, exploram-se a relação autor-texto-leitor e aspectos linguístico-discursivo-textual
Leitura e atividade metalinguística (L/M) Dimensão verbal no trabalho com metalinguística - sinais de pontuação	Questões de L e AL como foco na metalinguagem (M), dimensão mais expansiva sobre os elementos gramaticais, correlacionando-os com outras dimensões do texto. Nesse momento, toma-se a língua como objeto, os elementos da gramática são relacionados ao conhecimento científico como estudos morfológicos e/ou sintáticos

Fonte: As autoras (2023) com base no quadro de Ritter e Ohuschi (2022).

Na primeira coluna, temos as atividades de leitura e de análise linguística topicalizadas por siglas e, na segunda, a descrição conforme dimensão expansiva e conceitual. A proposição segue a ordenação do tripé pragmático da AL, hierarquizado nos textos fundantes (GERALDI, 1984 [2005], 2013[1991]; FRANCHI (1991 [1987])), em as questões metalinguísticas que são antecedidas pelas questões linguísticas e epilinguísticas, analisados, assim, os diferentes ângulos da língua mais pormenorizados.

Portanto, a proposta de leitura e AL na perspectiva dialógica segue os estudos dos signatários do Círculo, sendo essas práticas de linguagem, eixos intercomplementares, integralizados. Dessa maneira, medeia o processo de ensino e aprendizagem da língua, abrangendo diferentes níveis de AL, contemplando a natureza social, discursiva e linguística do enunciado.

5. **Atividades prévias e leitura do texto**

As atividades, segundo Ritter e Ohuschi (2022, p. 434), buscam “suscitar uma avaliação social inicial sobre a temática”, propõem uma mini diagnose sobre o que o aluno já sabe acerca do gênero e da temática, ao mesmo tempo, preparam-no para o novo conhecimento.

Esse momento introdutório mobiliza o estudante a relacionar o enunciado que se apresenta com os já-ditos. É nessa relação com o outro e com enunciados passados e até futuros que está a responsividade. Pelo princípio dialógico do Círculo de Bakhtin, faz-se uma discussão discursiva ativo responsiva, em que se “concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.” (BAKHTIN, 2011 [1979], p.171), em discurso vivo sempre na relação com o outro, com o que diz e produz, sobretudo como sujeito social e histórico.

Dessa forma, o mediador, antes de iniciar a leitura ou adentrar na arquitetura do gênero discursivo de forma estratégica e previamente estabelecida, prepara os aprendizes para a atividade, verificando o que eles sabem acerca da temática e relacionando-a à prática social dos discentes com os estudos escolares.

1AP. Hoje trabalharemos a apólogo, um gênero discursivo que vocês já devem ter lido. Você já ouviu falar sobre esse gênero?

2AP. O título do texto que iremos ler é “O toco de lápis”. Que lembranças ou que experiências você teve quando o seu lápis estava só um toquinho, chegando ao final?

3AP. Se em vez de compararmos um lápis usado com um lápis novinho, compararmos um jovem com um idoso, que características o idoso tem que o jovem, pela pouca idade, ainda não alcançou?

Junto às questões, o professor pode apresentar outros materiais que abordem a temática sobre o consumismo e a liquidez moderna com que se descartam objetos e pessoas sem valorizar suas verdadeiras qualidades e seus estágios de vida como:

- *Vídeo: “Envelhecer”, disponível em: <https://youtu.be/oOPRUXEchsl>;*

- **Reportagem:** “Deboche à universitária com 40+ gera revolta. Basta de etarismo!” (<https://www.em.com.br/app/colunistas/juventude-reversa/2023/03/16/noticia-juventude-reversa,1469446/deboche-a-universitaria-com-40-gera-revolta-basta-de-etarismo.shtml>).

Além disso, é importante o uso do dicionário para pesquisa de conceitos como o significado da palavra *apólogo*, por exemplo.

Na sequência, é essencial a apresentação de dois conceitos do dicionário, que fizemos na versão on-line, *Michaelis* e *Caudas Aulete*, os quais trazem mais informações sobre a origem da palavra *apólogo*, o conceito do gênero e a semelhança com as características da fábula.

Apólogo: a·pó·lo·go

sm

Alegoria moral em prosa ou verso em que geralmente animais ou coisas inanimadas falam e procedem como os homens.

<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=WXL4>

Apólogo (a.po.lo.go)

sm.

1. Narrativa que traz uma lição moral e ger. tem como personagens animais ou objetos que agem e dialogam como seres humanos. [Ver tb. Fábula.]

[F.: Do lat. *apologus*, *i*, do gr. *apólogos*, *ou*.]

<https://www.aulete.com.br/apologo>

O dicionário pode auxiliar na compreensão do sentido; ademais, por meio desse material escolar, podem ser tiradas dúvidas quanto à grafia, ao gênero, à separação silábica e à etimologia da palavra. A confiabilidade da averiguação ao verbete assevera mais segurança ao aprendiz, sendo uma fonte de pesquisa rápida, acessível e segura.

6. **Leitura do enunciado**

Após as atividades dialogadas, o professor apresenta o apólogo *O toco do lápis*. A proposta é, primeiramente, a realização da leitura silenciosa, sem o uso da voz, como exercício intelectual, favorecendo uma compreensão mais livre, uma experiência individual do leitor, uma leitura que se insere ao “universo da pesquisa empírica” (BORTOLANZA, 2019, on-line.). Em seguida, recomendamos a leitura oral compartilhada, em que estudantes e professor compartilham a leitura e as impressões sobre o texto.

Na leitura oral, o professor enfatiza a entonação valorativa, dando ênfase ao valor da palavra³; os interlocutores atribuem um tom ao discurso (BAKHTIN, 2011 [1979]) e compartilham valores sociais e históricos. À leitura em perspectiva dialógica - silenciosa e compartilhada - confere a compreensão e interpretação como resultante de ações interativas autor-texto-leitor. Por ela, estabelece-se a interação das relações intersubjetivas humanas.

O toco do lápis

Lá, no fundo da gaveta, dois lápis estavam juntos. Um era novo, grande, bonito, com uma ponta muito bem feita. Mas o outro, coitadinho! Era triste de se ver, sua ponta era redonda, dele só restava um toco.

O grandão, novinho em folha, olhou para a triste figura do companheiro e chamou:

– Ô, baixinho! Você, aí embaixo! Está me ouvindo?

– Não precisa gritar – respondeu o toco de lápis – eu não sou surdo!

– Não é surdo? Há, há, há, há! Pensei que alguém já tivesse até cortado as orelhas, de tanto apontar a sua cabeça!

O toquinho de lápis suspirou:

– É mesmo... até já perdi a conta de quantas vezes eu tive de enfrentar o apontador...

o lápis novo continuou com a gozação:

– Como você está feio e acabado! Deve estar morrendo de inveja de ficar ao meu lado. Veja como eu sou lindo e novinho em folha!

– Estou vendo, mas me diga uma coisa, você sabe o que é uma poesia?

– Poesia? Que negócio é esse?

– Sabe o que é uma carta de amor?

– Amor? Carta? Você ficou louco, toquinho de lápis?

– Fiquei tudo! Louco, alegre, triste, apaixonado! Velho e gasto também, pois já vivi muito. Fiquei tudo aquilo que aprendi de tanto escrever durante toda vida, romance, conto, poesia, narrativa, desabafos, composição, teatro, crônica, aventura, tudo! Ah! Valeu a pena ter vivido tanto, ter escrito tanta coisa, mesmo tendo de acabar assim, apenas um toco de lápis e você, lápis novinho em folha, o que é que você aprendeu?

O grandão, que era um lindo lápis preto, ficou vermelho de vergonha

BANDEIRA, Pedro; O toco de lápis IN BANDEIRA, Pedro; KUPSTAS, Marcia. *Coração de criança: o livro dos bons sentimentos*, 2002.

A leitura é, portanto, concebida em situações reais em que se manifestam outros conhecimentos do leitor e suas experiências de vida, de mundo e de escola, com leituras e conhecimentos linguísticos anteriormente instituídos e em processo de alargamento por meio do gênero discursivo apólogo *O toco de lápis*.

7. Dimensão social do gênero

A dimensão social pensa no homem como humanidade, no papel em que o sujeito exerce na interação indivíduo-sociedade. Questões dessa natureza, na perspectiva dialógica, estão voltadas à produção de um sentido que agrega um valor por meio de reflexão axiológica com os

³ Indicamos a leitura do artigo *Entonação valorativa em palavra escrita* (MENEGASSI, 2022)

já-ditos, como autor, com a obra, temas e discursos anteriores. Ademais, são realizadas outras análises e conjecturas feitas sobre o autor, o suporte, o campo e a situação social imediata do enunciado que levam o aluno a pensar sobre relações sociais, históricas e ideológicas no meandro da compreensão textual. São atividades que, pelo valor que se agrega, contribuem para a ampliação da consciência socioideológica do discente, partindo da situação imediata para uma mais distante.

4 L/DS) Pedro Bandeira é um escritor brasileiro de livros infanto-juvenis. Com mais de 100 obras publicadas, *O Fantástico Mistério de Feiurinha* (1986) recebeu uma adaptação para o cinema em 2009. A partir dessas informações sobre o autor e de outras, que você pode pesquisar na internet, responda: Que contribuições esse autor oferece para a sociedade?

5 L/DS) A finalidade do texto está relacionada ao propósito social; descreve objeto, fato ou lugar; conta uma história; defende uma ideia; instrui uma ação. Qual a finalidade do texto em estudo?

- a) Contar uma história engraçada sobre um lápis
- b) Informar sobre a função dos lápis
- c) Descrever fatos que ocorreram com dois lápis
- d) fazer uma crítica social contra o preconceito por causa da idade

6 L/L) Quais os possíveis leitores desse texto?

7 L/L) O texto em estudo está publicado no livro “Coração de criança: o livro dos bons sentimentos”. Em que outro suporte ele poderia ser publicado?

Ritter e Ohuschi (2022) atribuem à DS/L os elementos extralinguísticos de ordem sociais, históricas e ideológicas - autor, obra, contexto de produção, suporte e circulação. Embora não estejam na superfície material do texto, são determinantes para a composição do conteúdo temático, estilo e construção composicional do enunciado (BAKHTIN, 2011 [1979]). Esses elementos juntos colaboram para o sentido global do discurso.

Depois da dimensão social, parte-se para a dimensão verbal, alicerçada no tripé da AL: questões linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas.

8. Dimensão verbal: leitura e atividade linguística

Segundo Franchi (1991 [1987], p.35), a “atividade linguística nada mais é que o exercício pleno, circunstanciado, intencionado e com intenções significativas da própria linguagem”.

Na escola, esse tipo de atividade tem um viés analítico em que a ação verbal é produzida e pensada para situações que estão além da escola. Dessa forma, a escola não é um lugar em que somente se simula a língua, sobretudo, um espaço da compreensão, transformação e constatação sistematizada da linguagem em várias dimensões.

8 L/L) No trecho “Há, há, há, há! Pensei que alguém já tivesse até cortado as orelhas, de tanto apontar a sua cabeça!”, o que indica a repetição fonética do “há” nessa situação? Explique.

9 L/L) Analise a diferença entre a consciência do toco de lápis e do lápis novo sobre a visão que têm da juventude e da velhice. Explique.

10L/L) Leia o texto complementar do Estado de Minas, versão on-line, que trata do etarismo.

- a) A reportagem mostra um tipo de preconceito que há na sociedade? Que preconceito é? Como essa visão contribui para a intolerância das pessoas com mais idade?
- b) Você concorda ou discorda com a reportagem do jornal Estado de Minas? Qual sua posição pessoal sobre o etarismo?

11 L/L) Qual a relação entre o apólogo e a reportagem do jornal Estado de Minas “Deboche à universitária com 40+ gera revolta. Basta de etarismo!”?

12 L/L) O apólogo normalmente traz implicitamente uma moral da história. Que moral o texto “O toco de lápis” traz?

- a) Devemos ter respeito pelos mais velhos, pois eles já viveram várias experiências e possuem grande sabedoria
- b) As pessoas mais velhas já contribuíram e precisam, como o toco de lápis, ficar em uma gaveta descansando
- c) Devemos ter respeito pelos mais novos, pois eles têm direito a errar com as pessoas mais velhas
- d) Os jovens são donos do conhecimento, são inovadores e tem mais a ensinar aos mais velhos

Diante do exposto, no tripé da AL, as atividades linguísticas alicerçam a reflexão sobre o ensino linguístico e sobre as estratégias discursivas usadas pelo autor, sendo questões prévias para reflexões mais profundas como a epilinguística e a metalinguística, contribuindo para a formação de leitores/usuário de diversos gêneros.

9. **Dimensão verbal: leitura e atividade epilinguística**

As questões epilinguísticas antecedem as metalinguísticas, segundo os textos fundantes, porque cada uma avança em uma dimensão da língua. Para que se faça uma reflexão em que os próprios recursos expressivos sejam tomados como objeto de análise, categorização e classificação, é necessário que haja compreensão e reflexão valorada em um contexto de uso para daí se pensar em modelos sintáticos e gramaticais em outros níveis da linguagem.

13L/E) Sobre o título “O toco de lápis”, segundo a sua análise, por que o autor não usou como título “Os dois lápis”?

14L/E) Que juízo de valor pode ser depreendido na ênfase do título ser dada para o toco de lápis e não para o lápis novo?

15L/E) No trecho: “Veja como eu sou lindo e novinho em folha!”, se as expressões lindo e novinho fossem colocadas entre aspas teria o mesmo valor? Explique.

16L/E) Quais razões levam O lápis novo a chamar o toco de lápis de “baixinho, feio e acabado”? Você considera que é assim que normalmente os jovens veem as pessoas com mais idade?

17L/E) Se você substituir as reticências pelo ponto de exclamação, o enunciado permanecerá com o mesmo sentido? Explique.

As questões epilinguísticas conduzem à reflexão sobre a língua em uso, ou seja, em interações de comunicação em contextos reais, levam o aprendiz a entender que a estrutura da língua permite novos arranjos e usos.

10. Dimensão verbal: leitura e atividade metalinguística

As questões epilinguísticas são de compreensão expansiva. Nesse tipo de questão, o uso da gramática faz-se relevante, pois recorre-se à gramática Normativa Brasileira (GNB), buscando o conhecimento científico que trata do morfológico e do sintático.

Em razão disso, optamos por trabalhar com os sinais de pontuação, pois além de possibilitarem a tessitura textual, são elementos que colaboram para o valor, uma vez que os interlocutores constroem uma lógica entonacional e a relação com o que nem sempre está explícito no texto, mas na intencionalidade do autor.

Sem esses elementos não há texto, pois o texto não é um amontoado de palavras, mas palavras associadas com um valor reverberado na entonação, com intencionalidade em função de uma unidade temática. Os sinais de pontuação são demarcações do autor, são pistas que levam o leitor a construir relações intersubjetivas de tom e de valor com aquele que escreveu o texto.

Vejam o conceito dos atores Catach (1994) e Junkes (2002) sobre o uso dos sinais de pontuação e a organização sintática.

Conceito de autores

“Uma unidade sintática deve ser compreendida como envolvendo uma associação de palavras (aspecto estrutural), uma mensagem (aspecto informacional), uma substância e uma forma entonativa (aspecto melódico e entoativo) e um sentido (contendo a mensagem, resultante de todos os dados anteriores)” (CATACH, 1994, p.48)

“A da unidade frasal, tal como compreendida pela gramática normativa passa a encarar a pontuação no interior do parágrafo, como uma unidade no corpo do texto. Mesmo sendo a normalização de uso consequência da institucionalização da escola, que estabelece a unidade nacional, ela deve exercer um papel atualizador, isto é, ocupar a função que corresponde à sua melhor carga comunicativa” (JUNKES, 2002, p.60)

Conceito expandido

“Os sinais de pontuação além da entonação valorativa, melódica e força ilocucionária atribuída à mensagem, colabora para o sentido do texto. Faz parte do corpo do texto e carrega junto com o enunciado e o tom que se que agrega valor, assim pertencem à esfera da discursividade e não somente a esfera sintática ou gramatical” (autoras 2023 a partir de Catach (1994) e Junkes (2002).

18L/E) No trecho “– É mesmo... Até já perdi a conta de quantas vezes eu tive de enfrentar o apontador...”, observa-se o uso das reticências em dois momentos. Eles têm a mesma entonação? Explique.

19L/M) No trecho: “– Ô, baixinho! Você, aí embaixo! Está me ouvindo?”, o ponto de exclamação ao final da expressão “ô baixinho” dá uma entonação para o vocativo (um chamamento). Que entonação é essa, uma vez que o lápis novo demonstra um juízo de valor sobre o toco de lápis?

20L/M) Em geral, o ponto de interrogação é usado para fazer uma pergunta. Em “Não é surdo?”, o lápis novo deseja uma resposta do toco de lápis ou o tem outra intenção? Se tiver, qual seria?

21/M) De acordo com as gramáticas de língua portuguesa, os sinais de pontuação fazem parte do corpo do texto e indicam uma construção sintática, a ligação entre as estruturas e podem indicar aspectos da fala. Porém, como vimos, eles também carregam junto com o enunciado um tom, um valor, um sentido. A partir das questões anteriores, escreva uma pequena conclusão que você chegou sobre o uso das reticências, do ponto de exclamação e do ponto de interrogação.

Como observamos a partir dos exemplos de atividades, o ensino e a aprendizagem da leitura e da AL possibilitam ao estudante exercer seu protagonismo, posicionando-se responsiva e ativamente por meio da linguagem. Também se apropria dos gêneros do discurso como prática sociodiscursiva, agregando outros conhecimentos necessários às vivências culturais escolares.

Considerações finais

A sequência de atividades buscou alcançar a ênfase valorativa da palavra (VOLÓCHINOV, 2021[1929]), com exemplos de questões pensadas para o desenvolvimento de habilidades de leitura e de AL a respeito do aprimoramento e uso da língua. Assim, o texto literário possibilita reflexões que favorecem a consciência cidadã e a construção de aluno-sujeito ético na sociedade.

Buscou, ainda, levar à compreensão dos fenômenos linguísticos da língua em uso por meio do Gênero apólogo *O toco de lápis*. A compreensão dos traços distintivos dessa arquitetura coopera para que o aprendiz tenha uma visão mais ampla da língua em uso, assim como, a compreensão de filigranas lexicais e gramaticais que o formam, relacionando o dito ao não-dito, o verbal ao extraverbal.

Por fim, respondendo à pergunta inicial que conduziu a elaboração da proposta apresentada: *Como implementar os eixos Leitura e Análise linguística na perspectiva dialógica nas aulas de Língua Portuguesa no 6º ano do ensino fundamental por meio do gênero discursivo apólogo?*, concluímos que por meio de atividades previamente sequenciadas com enunciados vivos, concretos em que a AL é articulada de forma intersubjetiva e intercomplementar aos demais eixos.

Desse modo, acreditamos que essa proposta teórico-metodológica venha contribuir para rediscussão e implementação efetiva dos eixos leitura e AL na escola, bem como, disponibilizar ao mediador, uma posposição realizável ao 6º ano do Ensino Fundamental, capaz de expandir a compreensão social e ideológica do sujeito-aluno.

Referências

- ACOSTA-PEREIRA, R.; RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. **Revista Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 147- 162, 2010.
- ANTUNES, I. **Lutar com palavras** – coesão e coerência, São Paulo: Parábola, 2005.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011 [1979].
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016[1979], 176p.
- BANDEIRA, Pedro; *O toco de lápis* In: BANDEIRA, Pedro; KUPSTAS, Marcia. **Coração de criança: o livro dos bons sentimentos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. 128p.
- BORTOLANZA, A.M.E. Perspectiva histórica das práticas escolares de leitura no Brasil: entre rupturas e continuidades. **Educar em Revista**. Paraná: UFPR, n. 75, pp. 283-303, 2019. disponível on-line em: <https://www.redalyc.org/journal/1550/155060302014/html/>. Acesso em: 14 ago. 2023.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-32

BRAIT, B. Resenha do livro Os gêneros do discurso. **Bakhtiniana**, Rev. Estud. Discurso. vol.12, no.2, São Paulo, May./Aug. 2017.

BRASIL. 1998. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEB, 1998. Disponível on-line em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2018.

CATACH, N. **La punctuation: histoire et systeme (que sais-je)**. 2. ed. Paris: Universitaires de France, 1994.

FRANCO, N.; ACOSTA PEREIRA, R; COSTA-HÜBES, T. C. da. Por uma análise dialógica do discurso. In: GARCIA, D. A.; SOARES, A. S. F. (Org.). **De 1969 a 2019: um percurso da/na análise de discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 275-300

FRANCHI, C. **Criatividade e gramática**. Secretaria da Educação São Paulo (Estado). Coordenadoria de S241c Estudos e Normas Pedagógicas. São Paulo: SE/CENP, 1991 [1987].

GERALDI, J.W. (org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 10. ed. Cascavel: Assoeste, 2005 [1984].

GERALDI, J.W. **Portos de Passagem**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013[1991].

GOMES, S.N.S; OHUSCHI, M.C.G. Conceitos axiológicos em recursos linguístico-enunciativos no gênero discursivo fábula. In.: BELOTI, A; POLATO, A.M; BRITO, P.A.P. **Dialogismo e ensino de línguas: reflexões e refrações na práxis**. Campos Mourão, PR: Editora Fecilcam, 2021, p. 49-73.

JUNKES, T.K. **Pontuação – uma abordagem para a prática**. Florianópolis: Editora UFSC, 2002.

MENDONÇA, Márcia. Análise Lingüística no Ensino Médio: Um Novo Olhar, Um Outro Objeto. In: Clécio Bunzen (org). **Português no Ensino Médio e Formação do Professor**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 199 – 226.

MENEGASSI, R.J. A leitura dialógica de fábula. In.: ANGELO, C.M.P.; PEREIRA, R.C; COSTA-HUBES, T.C. [orgs.]. **Estudos de linguagem reflexões teórico-metodológicas**. Campinas, São Paulo: Pontes editora, 2020, p. 187-212.

MENEGASSI, R. J. Entonação valorativa em palavra escrita. **Diálogo das Letras** [S. l.], v. 11, p. e02217, 2022. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/4497> . Acesso em: 7 nov. 2023.

MOURA, M. I.; MIOTELLO, V. A escuta da palavra alheia. In: RODRIGUES, R. H.; ACOSTA-PEREIRA, R. (Org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 129-140.

NEVES, M.H.M. **Gramática na Escola**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1991.

OHUSCHI, M. C. G. Ressignificação de saberes na formação continuada: a responsividade docente no estudo das marcas linguísticoenunciativas dos gêneros notícia e reportagem. 2013. 294 p. **Tese** (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

PERFEITO, A. M. Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de Língua Portuguesa. In: SANTOS, A. R.; RITTER, L. C. B. (Org.). **Concepções de linguagem e o ensino de Língua Portuguesa**. Maringá: EDUEM, 2005. p. 27-79.

PERFEITO, A. M. Concepções de linguagem e ANÁLISE Linguística: Diagnóstico para proposta de intervenção. In: **CLAPFL – I Congresso Latino Americano de Professores de Línguas**. Florianópolis: EDUSC, 2007, p.824 – 836.

POLATO, A.D.M. Análise linguística: do estado da arte ao estatuto dialógico. 2017. 230f. **Tese** (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2017.

RITTER, L.C.B. Práticas de leitura/análise linguística com crônicas no ensino médio: proposta de elaboração didática. **Tese** (Doutorado em Estudos da Linguagem). Londrina, UEL: 2012.

RITTER, L.C.B; OHUSCHI, M.C.G. leitura e análise linguística em perspectiva dialógica: caminhos possíveis. In.: MALINOSKI, C.; PIANARO, A.; MENEGASSI, R. J.; FUZA, A.F. **Leitura e ensino de língua**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 419-450.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In J. L. Meurer, A. Bonini, & D. Motta-Roth (Orgs.), **Gêneros: teorias, métodos e debates** (p. 152-183). São Paulo, SP: Parábola, 2005.

RODRIGUES, Rosângela Hammes; ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo (Org.). **Estudos dialógicos da linguagem e Linguística Aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

ROHLING, N. Conteúdos de ensino na disciplina de Língua Portuguesa: o embate entre o discurso da tradição e o discurso da mudança. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 123-137, jan./abr. 2014.

SILVA, A.C.; SILVEIRA, M.I.M. Uso de sinais de pontuação na construção dos sentidos textuais. **Revista Linguagem em Foco**. Fortaleza: UECE, v. 12, n. 3, p. 361–382, 2021. DOI: 10.46230/2674-8266-12-4372.

Disponível on-line em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/4372>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. **Domínios de Lingu@gem**, Tubarão, v. 10, n. 3, p. 1076-1094, 2016

VOLÓCHINOV, V.N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930].

VOLÓCHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2021 [1929].